

## **O Intelectual e o Discurso Marginal**

Waldilene S. Miranda<sup>1</sup> (UFJF)

### **Resumo:**

*O trabalho em questão investiga, tendo como pano de fundo relações sociais e políticas, como se sustenta a construção discursiva produzida pela periferia brasileira. Esses enunciados em nome do povo, a música do Hip Hop e a Literatura Marginal, passam pela ótica do intelectual (sujeito destituído de poder decisório) que ao lançar o seu olhar em direção à existência do “outro”, desenterra a memória dos indivíduos esquecidos pela história pedagógica. E para entendermos como se (re)constrói o imaginário nacional, levantaremos questões relativas às estratégias de construção e articulação de identidades culturais fragmentadas, híbridas e em processo de formação. Logo, demonstraremos de que modo tais discursos atuam como elementos marcantes da cultura brasileira, e como a enunciação do intelectual marginal se destaca como um ‘medium’ entre a voz dos indivíduos silenciados pelos discursos homogeneizantes e a sociedade.*

**Palavras-chave:** cultura, discurso, intelectual, memória, marginal

### **Introdução**

Pensar a formação de um novo perfil de intelectual emerso no discurso produzido pela periferia brasileira requer a observação do crítico também acerca das relações sociais e políticas, que funcionam como pano de fundo para a construção desta enunciação. Esse discurso que altera o imaginário nacional, revela os estilhaços plurais da nossa cultura, demandando nosso empenho em refletir sobre a Literatura Marginal e a música do Hip Hop; pois estes passam pela ótica do intelectual que ao construir seu olhar a partir da existência do “Outro”, desenterra a memória dos indivíduos esquecidos pela história pedagógica.

A partir dessas narrativas que surgem como uma resposta da periferia dos grandes centros urbanos à segregação e à miséria, ou seja, à situação de urgência, percebe-se como a cultura local é narrada e como ela transcende as fronteiras de tempo e de espaço e articula-se a outros discursos culturais, intelectuais e identitários.

A relação dialética entre este discurso local e o discurso de homogeneização da cultura revela uma tensão entre a discursividade e o sócio-cultural e entre a identidade nacional e, o local. Em outras palavras, a cultura brasileira sob o olhar desse intelectual da periferia tem sido construída a partir da (des)articulação entre uma nova concepção de imaginário nacional e uma perspectiva centralizadora, unificada em torno da expressão de “um único povo” (HALL, 2005, p.62).

Trata-se de um discurso que reivindica a conscientização da sociedade em relação a um outro retrato do Brasil (fragmentado e concentrando elementos culturais heterogêneos) e acerca da dominação cultural. Permitindo assim, aos diversos grupos se identificarem e expressarem o sentimento de pertencimento em relação à nação.

São construções discursivas que estimula-nos a levantar algumas questões como, por exemplo: quais estratégias de representação são utilizadas para construir a identidade deste enunciatador da periferia e de seu grupo, bem como o sentimento de pertencimento; como surge um novo perfil de intelectual e como é imaginada por ele a nação brasileira; e como essas vozes híbridas constroem as fronteiras simbólicas de suas representações culturais.

## **1 O Discurso Marginal e o Intelectual**

Entender quem é o sujeito denominado intelectual da margem e qual a sua função na sociedade, implicam primeiramente, em destacar o discurso deste sujeito que atua como porta-voz do oprimido, que ao tornar suas experiências pessoais (de miséria, de exclusão e de indivíduo subjugado pelo poder) uma voz pública em favor do coletivo, destaca-se como um ‘medium’ entre a voz dos indivíduos silenciados pela história oficial, a sociedade e o saber centralizador.

Sendo assim, é necessário fazer uma análise do discurso, na qual as relações sociais sejam enxergadas como dinâmicas e o contexto como elemento fundamental. Pois há nas periferias uma situação de urgência que gera um discurso, e este por sua vez, altera não só a percepção do grupo como também as atividades cotidianas. Em outras palavras, a voz da periferia deve partir de uma possível relação com as práticas sociais e as várias faces da cultura brasileira, pois há ações e não só discursos. Insisto: estamos falando basicamente, de relações complementares - o discurso gera uma ação e esta, por sua vez, produz um discurso. Esses enunciados são performáticos; logo, não estão só no plano da palavra; o que requer do crítico um constante deslocamento do olhar em direção às fronteiras das disciplinas e na velocidade em que se modificam os discursos da margem e as relações sociais.

Essa enunciação marginal é produzida por indivíduos que se declaram publicamente, em favor dos grupos minoritários e que lutam pela suplantação de um saber excludente. Logo, torna-se crucial entender como a partir dessa enunciação, se constrói um outro perfil de intelectual. Dizemos que trata-se de um novo perfil; pois está longe de se encaixar no modelo tradicional e cristalizado; temos agora, indivíduos que além de se auto denominarem como tal, ocupam diferentes níveis de ação intelectual. Antônio Gramsci, ao falar da formação dos intelectuais afirma:

Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer (...), participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (...) uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade in-intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso, (...) que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. (...) No mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve construir a base do novo tipo de intelectual. (GRAMSCI, 1989. p. 7-8).

Gramsci elabora uma teoria, na qual faz um levantamento sobre o intelectual tradicional e paralelamente, desenvolve as características de um outro tipo de intelectual associado a atividade industrial. O crítico sugere vários patamares para o papel do intelectual na sociedade moderna; ou melhor, ele fala que uma “atividade intelectual deve ser diferenciada em graus” (GRAMSCI, 1989. p.11), e embora, elabore esta teoria em um dado contexto, percebe-se que a essência da abordagem pode perfeitamente, ser aplicada ao contexto brasileiro. Assim, a partir desta definição, a esfera cultural e suas categorias como, por exemplo, o perfil do intelectual e o seu papel na sociedade, o discurso, a estética e a linguagem, se desenvolvem em diversos níveis de elaboração, considerando, é claro, as variantes de cada grupo social.

Nessas narrativas o intelectual marginal posiciona-se em defesa do oprimido, articulando-se à política e ingressando num confronto discursivo que antes de tudo, é uma luta pela aquisição do poder; e como “A política está em toda parte; não pode haver escape para os reinos da arte e do pensamento puros (...) Os intelectuais pertencem ao seu tempo” (SAID, 2005, p.34-35). E “ONDE HOUVER OPRESSÃO, SEMPRE HAVERÁ UM REBELDE” (PRETO, 2005, p.62), um intelectual que através da palavra faz com que o seu papel social se mostre como papel cultural, revelando desequilíbrios sociais que são resultados de uma realidade histórica.

Esses intelectuais por trás desses discursos, levantam questões e buscam fazer distinções em relação ao que querem legitimar, recuperando assim, “a memória de todas aquelas coisas que tendem a ser desprezadas ou deixadas no limbo, na ânsia de um julgamento e uma ação coletiva”(SAID, 2003. p. 44).

Ainda em relação ao papel do intelectual apresentado por Said, destaca-se a definição:

(...) não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. Assim, o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas. (SAID, 2003, p. 26).

A reflexão de Edward Said sobre a função do intelectual, parte do princípio que este indivíduo seja um sujeito ativo na sociedade, isto é, deve ser um indivíduo no qual seu papel público seja de contestação do *Status quo*. A partir desta reflexão, constatamos que o intelectual da margem busca legitimar o discurso do “povo que constrói esse país” ( FERRÉZ, 2005, p. 10), mediando a voz do marginalizado e tornando-a pública para que a toda a sociedade se conscientize acerca da produção suburbana - “de rua (...) com um ideal” ( FERRÉZ, 2005, p. 10), e que “o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história, e que não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura” ( FERRÉZ, 2005, p. 10). Há uma necessidade de usar a palavra, seja na literatura ou na música, como formas de exteriorizar os problemas gerados pela indignação frente às vozes e pessoas esquecidas.

Desse modo, o porta-voz da camada marginalizada, se impõe pelo discurso, buscando construir a enunciação que suplante a voz do opositor, apresentando argumentos que simulam as respostas dos dominados aos que dominam. Ferréz define bem essa idéia ao afirmar que a produção “(...) feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo” é “feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas” (FERRÉZ, 2005, p.12).

O fragmento do poema “A soma do que somos” de Preto Ghóez exemplifica perfeitamente, a construção do discurso do marginal:

(...)  
Sou o produto do rejeito  
Do dejetos  
Da fome  
Condenado a viver na merda  
Na guerra  
(...)  
Baixada, morro, favela, proletários  
Pros letrados ensinam  
Sangue azul enche a caneta de quem rima  
Sou viela, sou da quebra, sou periferia  
Um Frankenstein latino, um preto nordestino  
(GHÓEZ, 2006).

Os fragmentos de Ghóez revelam um pouco dessa complexa hierarquia social; colocam em evidência os estereótipos que se criaram em torno dos moradores da favela, criticam o preconceito e questionam a função de alguns intelectuais que estão dentro do sistema de poder e atuam conforme os próprios interesses, “Enquanto isso intelectuais suínos, sorrindo / Distribuem facas de costa a costa em seus / amigos íntimos”. Daí, a necessidade de ter um porta-voz da cultura da periferia, que

não olhe como um expectador; mas como um participante do cotidiano dos subúrbios, um intelectual que ao falar do/para o oprimido, seja a representação do próprio; e que ao apresentar sua experiência, traduza as vozes dos excluídos.

Longe de generalizações, evidencia-se que esses indivíduos atuam conscientizando as camadas mais desfavorecidas da sociedade contra as formas de poder e fazem com que enxerguemos a identidade nacional sem mitos; híbrida e em processo de formação, permitindo aos diversos grupos se identificarem e expressarem o sentimento de pertencimento em relação à nação. As identidades são (re)construídas e revelam assim, a base (des)concertante que rege a concepção tradicional acerca da cultura no/do país colonizado pelos valores culturais do mundo dito globalizado e submisso ao poderoso imperialismo estrangeiro.

### **1.1 Narrativas da Nação : estratégias discursivas**

Afirma Stuart Hall, que as “culturas nacionais são compostas não apenas de instituições, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso*” (HALL, 2005, p.50). A partir desta reflexão, como todo discurso nacional revela a existência de identidades heterogêneas e inacabadas, as expressões culturais da periferia mostram-nos que a nossa “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1983 *apud* HALL, 2005, p.51) é composta por estilhaços, nos quais os fragmentos garantem o caráter plural.

Entre essas vozes que compõem a narrativa da nação, está o discurso marginal; as vozes que emergem das margens do poder, a enunciação “orgânica”, que “aflora” dos/nos sobreviventes da periferia, indivíduos destituídos de autoridade decisória, intelectuais que vêem na palavra a arma simbólica de luta contra a opressão, o instrumento que garantirá a vitalidade do grupo representado.

Essa maneira singular como o sujeito marginal constrói seu discurso garante ainda, a diferença no modo como a nação é imaginada por eles. A construção da cultura brasileira passa pelas estratégias discursivas de não reconhecimento, de identificação e articulação dos discursos “em nome 'do povo' ou 'da nação'” (BHABHA, 2005, p.206) . Em outras palavras, o processo de edificação e sustentação da cultura nacional apresenta estratégias ambíguas, nas quais o não reconhecimento das expressões culturais da periferia, de certa forma revela também o interesse de um “eu” em ser reconhecido pelo “outro”. E esse não reconhecimento faz com que haja no imaginário coletivo a fragmentação entre os grupos, ou seja, os indivíduos se agrupam em “eu” e o “outro” e, simultaneamente, não reconhecem como legítimos os discursos culturais que não pertencem ao cotidiano social de cada grupamento.

Assim, falar em estratégias discursivas significa abordar também a articulação da temporalidade, do espaço “do povo” e das fronteiras na narrativa marginal.

Como a diversidade cultural pressupõe a pluralidade, partindo da idéia que as culturas se apresentam separadas e comparativamente, é pela comparação que o indivíduo estabelece relação com o “outro”, ou melhor, é pelo cotejo que os sujeitos se identificam e se agrupam em “nós” e “eles”. Em decorrência dessa bipolaridade, isto é, da alteridade, “nós” nos afirmamos a partir da existência do “outro”.

Considerando a relação entre as escalas sociais brasileiras e essa assimetria, constatamos, portanto, que a oposição existente entre “nós” e “eles” é sustentada por discursos ideológicos, nos quais um é pautado por uma ideologia dominante regida pela esfera oficial de poder, e outro por uma ideologia que se opõe a anterior e busca a contestação do *status quo*. Em outros termos, “nós” se opõem a “eles”, seguindo uma lógica na qual o primeiro sustenta seu poder a partir da dominação do outro. Convém ressaltar que ao se diferenciar do pólo negativo “eles”, o pólo positivo “nós” além de buscar a afirmação do seu poder, estabelecendo uma relação em que este governa o outro, faz generalizações e cria estereótipos para reforçar a dominação.

Verifiquemos o que Michel Foucault afirma sobre os intelectuais e o poder:

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui.

(...) Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder (...) denunciá-los, falar deles publicamente é uma luta, não é porque ninguém ainda tinha tido consciência deisto, mas porque falar a esse respeito – forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo – é uma primeira inversão de poder, é uma primeiro passo para outras lutas contra o poder. (FOUCAULT, 1982. p.75-76).

A ideologia é um instrumento eficaz para compor o discurso dominante e assim, manter cristalizada a identidade nacional, e esta permanecer a serviço do dominador. É comum ver o Estado usando a ideologia e expressando-se discursivamente, como “nós” – “os brasileiros”, ou “a nação brasileira”, como uma de suas estratégias para manipular o discurso e se manter no poder. Podemos aplicar a esse caso o que Edward Said, chama de “identidade nacional corporativa” (SAID, 2003, p.40).

Entretanto, não podemos conceber a ideologia como categoria fixa. Pois, esta concepção se aplica aos que detêm o poder. E esse poder pode ser entendido como “material” e/ou “imaterial”. O que significa que o indivíduo que não domina o poder material, não possa dominar o poder em torno do cultural. Como em parte, possui o poder quem governa o discurso, “Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder”, pois “a idéia de que são agentes da 'consciência' e do discurso também faz parte deste sistema.” (FOUCAULT, 1982. p.71).

E esse novo perfil de intelectual da sociedade do século XXI vê na contestação do *status quo*, a ruptura com a ideologia que mascara a presença significativa da cultura da periferia. Sendo que cada esfera social possui, portanto, sua ideologia, que contribui especificamente, para a classe de origem. Podendo ser uma eficiente arma no confronto simbólico entre os que governam e os que são governados, ou seja, contra a dominação cultural.

Evidenciamos a partir de nossa análise e das afirmações de Ferréz que a Literatura marginal é um “Terrorismo literário”(FERRÉZ, 2005.p.9) e “A revolução tem que ser feita, pela arte ou pelo terror”(FERRÉZ, 2006), ou seja, a literatura deve ser uma resposta à exclusão, uma proposta terrorista que se organiza a partir do plano simbólico, a palavra é o instrumento pelo qual o intelectual atua como revolucionário, mediador e herói, na luta para romper com determinados padrões homogeneizantes.

Segundo Ferréz, no prefácio do livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* “o sonho não é seguir o padrão (...), somos a contra opinião”( FERRÉZ, 2005, p. 9). E falar em padrões literários é sistematicamente, falar na herança do cânone ocidental herdada pelos países submetidos ao imperialismo estrangeiro.

Entretanto, a partir das reflexões dos estudos culturais foi possível abriremos mão de uma concepção cultural eurocêntrica e considerarmos as novas visões emergentes que adotam discursos que suplantam da ideologia tradicional, à medida que há um revezamento no qual o poder da palavra visita outro *locus* de enunciação, re-significa a cultura e re-constrói a memória nacional. São vozes plurais que emergem das margens e lutam pela construção e pela legitimação da cultura “periférica”, isto é, buscam re-formular a discurso silenciado pela história oficial.

Embora, a necessidade de legitimação da cultura da periferia seja, frequentemente, destacada pelos discursos marginais, esta aceitação não é condição para a existência de tais produções, e seus autores possuem consciência de que a adesão a essa nova acepção não atinge toda a população brasileira “não viveremos ou morreremos se não tivermos o selo da aceitação, na verdade tudo vai continuar, muitos querendo ou não” (FERRÉZ, 2005, p.10).

Analisando essa cultura da margem, buscamos também romper com a idéia de “alta” e “baixa” cultura, enxergando estas manifestações como algo plural, ativo e necessário para a construção da cultura brasileira. E mesmo que rompa com os valores celebrados pelo cânone ocidental não se pode afirmar que haja negação da herança cultural; pois é fato, a globalização rompeu barreiras e encurtou distâncias, e embora, a globalização tenha garantido trocas culturais de forma desigual, não é mais possível negar o intercâmbio entre culturas. Há uma via de mão dupla, ou seja, não há como sustentar que a cultura erudita não influencie ou motive as produções populares e estas não interfiram na anterior.

Ainda que estejamos analisando o plano cultural a partir da ótica local, acreditamos que a abordagem de Stuart Hall referente às culturas globais pode claramente, ser aplicada:

“A proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no ‘centro’ do sistema global que nas suas periferias (...) Por outro lado, as sociedades da periferia têm estado *sempre* abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca.

A idéia de que esses são lugares ‘fechados’ – etnicamente, puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a ‘alteridade’ (...)”. ( HALL, 1992, P.79).

Ainda que contextos distintos, a mesma teoria que é aplicada ao global pode ser utilizada para compreendermos o local, pois a articulação entre ambos é uma característica da modernidade tardia.

Percebe-se que na modernidade tardia a globalização tem gerado o complexo processo de mudanças que abalou e continua a desestabilizar as identidades cristalizadas. E com o “deslocamento” dos “quadros de referência” ( HALL, 2005 p. 7) há o surgimento de novas identidades, acompanhando as mudanças da cultura brasileira.

Logo, em uma sociedade globalizada e influenciada pelos meios de comunicação em massa é um equívoco defender a pureza e dizer que o hip hop e a literatura marginal não sofrem influência da denominada cultura de prestígio.

## **2 A Reformulação da Memória**

Os discursos da periferia brasileira estão deslocando as fronteiras que mantinham intacta a concepção de identidade nacional una e suplementado as narrativas pedagógicas. E para que o discurso marginal se torne sujeito e objeto da cultura e ocorra alteração do imaginário cultural, é necessário resgatar a memória performática em ruínas. Deste modo, torna-se crucial estabelecer um diálogo com Homi Bhabha. Observemos então, a declaração do crítico:

A estratégia suplementar interrompe a serialidade sucessiva da narrativa de plurais e de pluralismo ao mudar radicalmente seu modo de articulação. Na metáfora da comunidade nacional como “muitos-como-um”, o um é agora não apenas a tendência de totalizar o social em um tempo homogêneo e vazio, mas também a repetição daquele sinal de subtração na origem, o menos-que-um que intervém como uma temporalidade metonímica, iterativa. ( BHABHA, 2005, p.219).

Embora haja tensão entre a memória da tradição e a memória da margem, a enunciação do intelectual marginal é um discurso suplementar, que une o pedagógico ao performático como uma forma de diminuir o silenciamento acerca da origem e de desrecalcar através do revezamento da voz, que em parte, pelo menos em relação à palavra, há aquisição do poder pelas minorias.

Esse enunciado marginal e marginalizado ergue novas fronteiras - limiar que permite a permeabilidade, o intercâmbio, o trânsito revelador de elementos culturais que garantem a especificidade da nação. Essa noção de fronteira permite-nos pensá-la em relação ao diálogo entre as culturas, simbolizando a passagem, o deslocamento dos discursos para a construção de um enunciado novo, isto é, de uma cultura híbrida, que represente o pobre, o mestiço, o negro, o excluído.

Em outras palavras, uma cultura se afirma em relação à existência da outra e “As culturas estão entrelaçadas demais, seus conteúdos e histórias demasiadamente interdependentes e híbridos para que se faça uma separação cirúrgica em oposição vasta e, sobretudo ideológica” (SAID, 2003, p.11), constatando que embora uma cultura seja diferente da outra e busque de alguma maneira negá-la, é a partir da existência mútua e opositiva que elas afirmam suas respectivas ideologias.

Os discursos periféricos, portanto, quando resgatam a memória performática na enunciação do sujeito que traduz a voz da margem, também constroem os contornos de quem é este indivíduo enquanto ser social, a partir do olhar simultâneo que ele lança em direção ao “outro”, havendo também, um revezamento na direção olhar.

Partindo das concepções teóricas apresentadas e do nosso objeto de estudo, podemos então, destacar como se constrói e se sustenta a memória fundada pelo discurso performático. No poema “Faveláfrica”, Gato Preto demonstra claramente essa relação - O sujeito que narra denuncia a violência, o genocídio e a aculturação que foram encobertos pela história pedagógica.

Certa noite ouvi gritos, estridentes e dolorosos  
Os gritos eram de tamanha dor, tristeza e desespero  
Que me aproximei e perguntei àquela triste e bela mulher negra o que havia  
Ela, como louca, alucinada gritava  
Lá vem ele, lá vem ele, lá vem ele, lá vem ele  
(...)  
E a mãe África triste respondeu  
O insano desumano, profano tirano  
(...)  
Sanguinário mercenário do estrangeiro  
Abutre, chacal, carniceiro  
Ele é! O NAVIO NEGREIRO  
(GHÓEZ, 2005. p.56)

O narrador de “Faveláfrica” em um primeiro momento retoma o período de expansão dos impérios europeus para a África (época de exploração das riquezas naturais, ou seja, de desterritorialização do africano, e posterior inserção do negro no contexto escravocrata do período colonial brasileiro) e transporta esses fatos para a realidade brasileira do século XXI.

Em outras palavras, o indivíduo que rememora os acontecimentos do passado Africano e do Brasil colônia não se fixa na história fundada em uma tradição marcada pela ausência, pela subtração da performance do povo. Esse intelectual transcende a história, colocando-a no presente vivido e em outro espaço de enunciação para adicionar a ela as cicatrizes do povo, isto é, suas experiências originais.

O porta-voz da “bela mulher negra” (GHÓEZ, 2005. p.56) vê na “ingênua” “mãe África” (GHÓEZ, 2005, p.57)., o símbolo da origem do povo oprimido, do sujeito que está à margem dos centros oficiais de poder; o indivíduo que tem na usurpação do imperialismo estrangeiro (primeiro o Europeu e depois o Norte-Americano) o fundamento dos atuais conflitos social, racial e cultural “Devastaram o império, saquearam o minério”, “mãe África estuprada” (GHÓEZ, 2005, p.58). Assim, o intelectual que se inscreve nas rugosidades da narrativa no poema “NAVIO NEGREIRO”, também observa na origem do povo desterritorializado as causas do preconceito e da exclusão.

A representação simbólica da história de fundação da nação brasileira pela mão do africano, do índio e do afro-descendente se dá de forma tensa “Minha língua é navalha, palavra que rasga/e fogo que alastra, deflagra e conflagra” e conflituosa “Torturaram minhas raízes e nos deram marquis/Agora surge o revide, Gato Preto te agride” (GHÓEZ, 2005, p.58) “O guerreiro vai atacar, Yalorixá Yoruba/Keto e nação banto” (GHÓEZ, 2005, p.59).

Destacar a imposição do opressor “Religião, cultura, costumes destroçados por seres que se vangloriavam de princípios superiores aos dos irmãos africanos e indígenas” e insistir na herança africana “Candomblé, capoeira, feijoada caseira” (GHÓEZ, 2005, p.61) revela a postura do intelectual que persiste em recuperar os resíduos perdidos. E a partir daí, construir a consciência individual de seu leitor acerca das formas de poder e reformular o imaginário coletivo.

O fragmento do rap “Capítulo 4 Versículo 3” dos *Racionais MC's* também confirma a mesma ideologia que estimula estes indivíduos a se posicionarem frente à exclusão.

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial;  
a cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras;  
nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros;  
a cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo;  
aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.  
(...)  
Permaneço vivo, prossigo a mística!  
27 anos, contrariando a estatística!  
Seu comercial de TV não me engana,  
HÃ! Eu não preciso de status nem fama.  
(...) (*Racionais MC's*. 2007)

O sujeito excluído e ignorado pelo Estado (concebendo o “Estado” enquanto organização política, jurídica e administrativa de uma sociedade) vê em seus intelectuais, a figura ideológica do defensor, do herói; aquele que luta discursivamente pelo grupo no qual representa, o indivíduo que canta as dilemas dos marginalizados.

Manifestando-se contrários à ideologia dominante, esses intelectuais dão voz e vez ao seus companheiros da periferia, despertando-os para o senso crítico em relação à importância do social e da política na construção dos discursos de poder, bem como da cultura da margem “eles não querem que saibamos que cultura é poder! (...) mas alguns de nós já sabem: Cultura é poder! (FERRÉZ, 2005, p.23). Portanto, a música Hip Hop e a literatura marginal adquirem na atualidade, uma nova dimensão, uma outra face da identidade cultural, na qual novas vozes revelam o papel do intelectual que observa os desdobramentos destas representações culturais no imaginário nacional.

## **Conclusão**

Esses discursos marginais são, portanto, estratégias utilizadas em sua maioria por indivíduos das periferias dos grandes centros urbanos brasileiros. Representando a classe social desfavorecida e oprimida, tem nas vozes de seus intelectuais a representação simbólica da cultura da periferia, que extrapola os limites sociais e visita outros territórios. A força dessas narrativas está na insistência em se fazer ouvir e no fato de transformarem o plano discursivo numa arena contra o poder.

Desta forma, essa enunciação revela o surgimento de um outro perfil de intelectual e desconstrói a idéia cristalizada em torno de um modelo absoluto de intelectual; destacando a ausência de um lugar fixo para a enunciação. Percebe-se também que o intelectual da margem, embora, algumas vezes, apresente um discurso dubio, demonstra ao assumir tal função frente à sociedade, que a condição de existência do intelectual não está restrita às esferas oficiais do saber. Logo, entender a constituição do intelectual da periferia não deve ser reduzida ao *locus* de enunciação. Pois o lugar de onde o discurso emerge torna-se relevante apenas pelo fato que o contexto no qual estes indivíduos se articulam, motivam o sujeito, denominado aqui como intelectual, a levantar-se publicamente para contestar o poder que tanto viola os direitos deste grupo.

Logo, essas narrativas buscam comover o companheiro que está à margem do centro de poder a reconhecer a importância das vozes de seu grupo, bem como da força de sua cultura na luta diária



das periferias. São textos que vêm na voz do intelectual a defesa da sua ideologia e a motivação para a vida. “A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros”. (VAZ, 2007).

### **Referências Bibliográficas**

- [1] ABDALA, Benjamin. *Literatura, História e Política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- [2] BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- [3] FERRÉZ, (ORG). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- [4] FERRÉZ. “Poesia”. 2006. Disponível em : <[www.tvcultura.com.br/musikaos/28/poesia-ferrez.htm](http://www.tvcultura.com.br/musikaos/28/poesia-ferrez.htm)> , acesso em 08/12/2006.
- [5] FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 3.ed. 1982.
- [6] PRETO, Gato. “Faveláfrica”. In: FERRÉZ. (ORG). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- [7] GHÓEZ, Preto. “A soma do que somos”, *Literatura Marginal*. 2006. Disponível em <<http://literatura-marginal.blogspot.com/2006/11/soma-do-que-somos-preto-ghez.html>>, acesso em 08/12/2006.
- [8] GRAMSCI, Antonio, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 7.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- [9] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- [10] KONSTANTINOV, F., *Sociologia e Ideologia* . Trad. Carlos Grifo. S/cidade: Lisboa, 1970.
- [11] MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Trad. César Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- [12] RACIONAIS MC's. “Capítulo 4 Versículo3”, *Real Hip Hop*. 2007. Disponível em :<[www.realhiphop.com.br](http://www.realhiphop.com.br)> acesso em 15/01/2007.
- [13] SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Ed.Schwarcz Ltda, 2005.
- [14] VAZ, Sérgio. “Manifesto da Antropofagia Periférica”. In: Os novos antropófagos: Artistas da periferia de São Paulo lançam sua própria Semana de Arte Moderna. Revista Época, ed. 487, Rio de Janeiro: Editora Globo. 2007. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/revista/Epoca>>, acesso em 17/09/2007.

---

<sup>1</sup> Waldilene Silva MIRANDA (Mestranda)  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
wal.letas@gmail.com